

A IMPORTÂNCIA DA TEORIA SINTAGMÁTICA PARA UMA CONVENIENTE DESCRIÇÃO GRAMATICAL: UM LEGADO DE INGEDORE KOCH

José Mario Botelho (FFP-UERJ)
botelho_mario@hotmail.com

RESUMO

A própria Koch, em seu *Linguística Aplicada ao português: sintaxe* (1989) observa que a “Gramática Sintagmática, em oposição à Gramática Tradicional, fornece meios mais adequados e simplificados para a descrição estrutural das orações” (p. 31). E para sustentar essa afirmação, a autora apresenta argumentos incontestáveis: verbos, considerados intransitivos pela GT, não raro, se efetivam com um SN ou SPrep como seu complemento; a ocorrência da preposição nesses complementos ora tem implicações semânticas ora apenas está condicionada à regência do próprio verbo; a caracterização clarividente do elemento “se” na distinção inequívoca entre verbo pronominal essencial e verbo pronominal accidental, entre outros argumentos. De fato, a análise sintática sob a perspectiva sintagmática nos permite descrever convenientemente todas as estruturas linguísticas do português, desfazendo, inclusive, certas ambiguidades sintático-semânticas de frases como: “Vi o incêndio da minha janela!”, pois a árvore proposta para a estrutura profunda de cada estrutura linguística é única, esclarecendo a noção de sentido de cada sintagma-complemento, explicitando a relação que se estabelece entre o termo regido e o seu termo regente.

Palavras-chave:

Descrição gramatical. Teoria Sintagmática. Ambiguidades sintático-semânticas.

1. Introdução

Quando se diz que a “Gramática Sintagmática (GS) se mostra mais adequada e simplificada quanto à descrição estrutural das orações” (Cf. KOCH, 1989, p. 31), se compararmos com a descrição feita pela Gramática Tradicional (GT), certamente é porque se tem a crença que tal descrição tradicional se nos mostra muito complexa ou inconveniente.

Decerto, a referida proposta da GT apresenta como parâmetro a estrutura fonética – externa e superficial –, a qual proposta não considera aspectos semânticos subjacentes da respectiva estrutura frasal e, portanto, se mostra um tanto quanto limitada para a compreensão do fato sintático. Koch, por sua vez, observa, em nota introdutória do seu *Linguística Aplicada ao português: sintaxe* (1989), que o “mecanismo de produção e inteligência das inúmeras estruturas sintáticas de uma língua – com inversões, apagamentos, acréscimos e substituições – torna-se transparente na medida em que, para descrevê-las e explicá-las, se recorre a um nível

maior de abstração” (*Id., ibid.*, p. 9), uma vez que a GS o faz, recuperando as estruturas básicas, elementares, subjacentes às outras, com que se relacionam.

Portanto, constitui o objetivo deste ensaio digressionar sobre a conveniência de uma descrição estrutural dos fatos sintáticos da língua portuguesa sob a perspectiva da Teoria Sintagmática¹ (TS) em detrimento da descrição tradicional, que encontramos em nossas gramáticas e compêndios gramaticais. E, tendo como escopo o estudo que Koch nos legou em seu *Linguística Aplicada ao português: sintaxe* (*Op. cit.*), constatar a conveniência de tal estudo e reconhecer a sua importância.

Convém ressaltar que não se pretende fazer aqui uma apologia aos estudos de natureza sintagmática – que se estabelecem sob a égide da Gramática Gerativa (mais precisamente, a segunda proposta chomskyana) – e desmerecer, por conseguinte, os estudos tradicionais; até mesmo pelo contrário, não se pode negar a importância dos estudos de sintaxe apresentados pela GT, que não só são pioneiros como também constituíram uma sólida orientação para muitos estudiosos em sua época. O próprio Chomsky reconheceu que a linguística tradicional já acumulara um conhecimento enorme e satisfatório para aquele momento dos estudos linguísticos. Reconheceu, também, que tais estudos se mostravam suficientes para que fosse possível ultrapassar aquele estágio, que para ele era classificatório, e respaldar a elaboração de modelos hipotéticos das línguas e da linguagem, como observou Ruwet (Cf. In RUWET; CHOMSKY, 1966, p. 13).

Pretende-se, de fato, com este ensaio, reconhecer que a análise sintática sob a perspectiva sintagmática nos permite fazer, de forma conveniente, a descrição das estruturas linguísticas do português. Mostra-se esclarecedora além de desfazer certas ambiguidades sintático-semânticas de frases, em que determinados sintagmas têm a mesma estrutura sintática em sua estrutura superficial, mas não têm a mesma análise em sua estrutura profunda, em que se constata o exato ponto de ligação entre os termos regente e regido, como observa Nivette (1973, p. 23): “Além disto, as estruturas de cada nível dependem da relação de seus componentes com o

¹ Segundo Nivette (1973, p. 23), “La gramática sintagmática se basa en la ‘teoría de los componentes inmediatos’, que ha ocupado un lugar importante en la lingüística americana. Esta teoría parte de la hipótesis de que una lengua tiene diferentes niveles, y cada nivel posee su propia concatenación (o encadenamiento totalmente lógico de su partes) con sus propios componentes y sus reglas particulares”.

nível imediatamente superior.² É, pois, a estrutura profunda (*deep structure*, como denomina Chomsky (1965, p. 13)) que contém os dados necessários para se determinar o conteúdo semântico de uma dada frase, ao passo que a estrutura superficial (*surface structure*) revela apenas a forma fonética da frase:

Assim, quando definimos “estruturas profundas” como “estruturas geradas pelo componente-base”, estamos, de fato, assumindo que a interpretação semântica de uma sentença depende apenas de seus itens lexicais e das funções e relações gramaticais representadas nas estruturas subjacentes, nas quais eles aparecem. (CHOMSKY, 1965, p. 136)³

Logo, há frases que apresentam a possibilidade de mais de uma interpretação; a análise de sua estrutura profunda pode esclarecer noções de sentido do sintagma-complemento que causa a tal ambiguidade, por explicitar a relação que se estabelece entre o termo regido e o seu termo regente, como se pode constatar em: “Vi o incêndio da minha janela!”, “O professor me pediu para sair.”; “Ouvi o canto dos pássaros na floresta.”.

2. Como se dá a organização e constituição da frase?

Antes de desenvolver a discussão acerca dos aspectos práticos da descrição sob a perspectiva da TS e estabelecer as “Vantagens e limitações da Gramática Sintagmática” (item 1.5), Koch apresenta uma Nota Introdutória (p. 9), em que afirma que não pretende defender uma determinada proposta teórica. A autora ressalta que tem a intenção de divulgar o que considera ser uma experiência didática em que os fatos sintáticos receberam uma organização, ordenação e explicação por meio da interação de diferentes mecanismos advindos da Gramática Gerativa Transformacional de 1957 a 1965 sob as orientações teóricas de Katz e Postal (1964) e de Chomsky (1965) e dos trabalhos práticos de Dubois-Charlier (1975). Justifica a escolha dessa corrente de pensamento com a seguinte asserção: “Evidentemente, o encadeamento dos anunciados de uma língua não se faz apenas segundo regras sintáticas, mas conhecê-las é fundamental” (p. 9). Depreende-se de tal observação que a orientação que até então

² “Además, las estructuras de cada nivel dependen de la relación de sus componentes con el nivel inmediatamente superior”.

³ “Thus when we define ‘deep structures’ as ‘structures generated by the base component’ we are, in effect, assuming that the semantic interpretation of a sentence depends only on its lexical items and the grammatical functions and relations represented in the underlying structures in which they appear.”.

medeia os estudos de análise sintática da língua portuguesa se nos mostra limitada, porquanto se baseia em regras puramente sintáticas. Daí, ser necessário conhecer uma teoria, cujos parâmetros não se limitem às regras sintáticas, como é o caso da Gramática Transformacional.

Feito isso, a autora passa a falar sobre a “Organização e constituição da frase” (item 1), partindo da noção de frase e estrutura (1.1). A frase é tida como “a expressão verbal de um pensamento” (KOCH, *op. cit.*, p. 11), uma vez que se trata de um enunciado suficiente por si mesmo para o estabelecimento de uma comunicação. É por meio da frase que “se podem expressar juízos, descrever ações, estados ou fenômenos, transmitir apelos ou ordens, exteriorizar emoções”, como bem observa Koch (*Ibidem*, p. 11).

Por ser a frase de uma dada língua uma organização em que se combinam elementos linguísticos que se agrupam ou se arranjam de acordo com certos princípios, que a caracterizam como uma estrutura, Koch procura determinar tais princípios nesse primeiro capítulo.

Segundo ela, pode parecer que, num conjunto de frases do português, por exemplo, as frases pouco tenham em comum, uma vez que diferem em extensão, em sentido, em seleção vocabular em disposição e colocação de tais vocábulos. Contudo, numa análise mais atenta, pode-se perceber que, apesar dessa aparente diversidade, as frases têm uma organização interna, que obedecem a princípios gerais bem definidos. E é a partir de tais princípios que o usuário da língua pode vir a ser capaz de dizer se as palavras utilizadas nas diversas frases da língua se dispõem de acordo com o seu sistema gramatical. O falante também pode ser capaz de observar se tais frases se apresentam completas ou não e se elas podem ser compreendidas ou se têm problemas quanto à sua interpretação semântica.

O usuário conhecedor de tais princípios pode, inclusive, identificar e dirimir eventuais ambiguidades de certas frases como as que citei anteriormente. Qualquer usuário é capaz de perceber se uma determinada estrutura frasal apresenta-se incompleta, o que causa ou não um problema de interpretação semântica. Isto se dá porque os princípios gerais que medeiam a organização e a constituição da frase são internalizadas, posto que pertencem à gramática internalizada, de que falou Chomsky (Cf. 1986), que defendia a ideia de que todo falante possui um conhecimento prévio e implícito de sua língua. O referido linguista asseverava que tal conhecimento não decorre de uma instrução escolar, mas de uma assimi-

lação espontânea, paulatina e crescente. Quanto à gramática internalizada, assim se pronuncia Brito (1992):

A gramática internalizada nasce de uma concepção gerativista da linguagem e não prescinde de uma visão interacionista do processo de aquisição e amadurecimento da linguagem. Isso significa que essa gramática tem como pressuposto um conceito de língua que se produz nas relações sociais vividas pelo falante, produzida também pelo falante que opera sobre a linguagem construindo hipóteses a respeito de seu funcionamento. (BRITO, 1992, p. 238)

Decerto, o texto é um conjunto de frases, que compõe uma unidade semântico-pragmática, uma vez que estabelece significados por vezes distintos dos significados de cada frase, tomada isolada desse texto, e porque constitui um ato de comunicação – a prática da língua em si.

Segundo Koch (*Op. cit.*, p. 12), “qualquer falante do português, recorrendo a determinadas marcas, é capaz de afirmar que um texto (o texto há pouco citado) se compõe de tantas (seis) frases”. Tais marcas podem ser encontradas na linguagem escrita ou na linguagem oral: a inicial maiúscula da escrita ou a entonação descendente da oralidade, os sinais de pontuação da escrita ou o fenômeno da pausa na oralidade são exemplos dessas marcas.

Há casos, porém, em que se preenchem as condições formais exigidas pela escrita, mas que não constitui uma frase; também há casos em que um padrão entonacional ou a existência de pausas não bastam para que uma determinada sequência seja uma frase. Logo, não é exatamente na ocorrência de tais marcas que se dá o reconhecimento da frase em si.

A autora observa que “toda frase diz algo, fala sobre um determinado estado de coisas do mundo, mas o faz de uma certa maneira” (*Ibidem*, p. 12). O seu conteúdo proposicional é aquilo sobre o que se diz. E isso se dá por meio de elementos linguísticos (fonema, morfema, vocábulo), os quais constituem o inventário de cada língua, que estão à disposição do usuário, que faz a sua seleção voluntariamente, mas que se combinam e se agrupam segundo certos princípios organizacionais, que é o sintagma (ou grupo sintático). A organização ou estruturação desse material linguístico é o que se denomina Proposição (P) ou oração. O usuário veicula uma Proposição a partir de uma asserção (afirmação), uma pergunta, uma ordem, um pedido etc. Esses vários modos de proposições é o que se denominam “tipos de frases” (T).

Assim: $F \supseteq T + P$.

Koch, corroborando Chomsky, afirma que “todas as línguas podem ser descritas a partir de um conjunto de fórmulas semelhantes – denominado regras de reescritura, de estruturação frasal ou de base” e a indicação da estrutura adjacente, elementar e abstrata dos elementos que compõem a proposição, constitui a função de tais regras de reescritura. Essas regras também especificam e formalizam as relações de dominância⁴ e de precedência⁵ que esses elementos estabelecem.

Segundo Miotto, Silva e Lopes (2000, p. 53), “dominância” se refere à relação hierárquica de inclusão que se estabelece entre dois termos, de modo que o elemento abaixo do nó está incluído no de cima. Já “precedência” se refere à ordem de ocorrência dos termos, reiterando essa noção de hierarquia entre eles:

Como se pode ver, as relações de precedência e dominância são definidas de tal modo que os membros de qualquer conjunto de nós de uma árvore se encontram ou em uma relação ou em outra, mas nunca nas duas simultaneamente. (MIOTTO; SILVA; LOPES, 2000, p. 55)

3. *Quais são os princípios de organização da estrutura frasal?*

A organização da frase se efetiva na língua sob regras de estrutura frasal; a proposição das frases é composta por determinados elementos que se organizam em classes e pelas combinações possíveis dessas classes.

A decomposição da proposição em unidades menores, sob a técnica da comutação, nos possibilita a equivalência entre tais unidades. São tarefas básicas da comutação:

- a) Segmentação – possibilita-nos determinar os subconjuntos, a partir dos quais a proposição pode ser decomposta.
- b) Substituição – permite-nos constatar que certos subconjuntos exercem uma mesma função, posto que são equivalentes num quadro sintático específico.

⁴ “(17) DOMINÂNCIA: α domina β se e somente se existe uma sequência conexa de uma ou mais galhos entre α e β e o percurso de α até β através dos galhos é unicamente descendente. (MIOTTO; SILVA; LOPES, 2000, p. 53)”.

⁵ “(20) α precede P se e somente se α estiver à esquerda de P e α não dominar P ou P dominar α . (Id., *ibid.*, p. 55)”.

Pode-se perceber facilmente, com o procedimento da comutação, que a integridade da oração é mantida, quando há equivalência dos elementos nos subconjuntos. Esses elementos – grupos sintáticos – são denominados “sintagmas”, cuja natureza é definida pelo seu elemento nuclear: nominal (nome ou pronome), adjetival (adjetivo), adverbial (advérbio), verbal/oracional (verbo/predicado) e preposicional (preposição), que muitos preferem denominar sintagma adverbial.

(01) Ele	Pedro O cantor Quem canta	espanta seus males!
----------	---------------------------------	---------------------

(02) Ele disse tudo	um palavrão! que não sairia...
---------------------	---------------------------------------

(03) O menino pobre	está no jardim. pede esmola. adormeceu.
---------------------	---

Quanto à constituição de uma frase propriamente dita, pode-se dizer, como o fez Ruwet (*Op. cit.*, p. 67), que “uma frase se compõe de um SN (sintagma nominal) e de um SV (sintagma verbal) e podemos exprimir esta asserção na seguinte notação: Frase \rightarrow SN + SV (onde \rightarrow significa “reescrever-se como”)”.

4. O que são os sintagmas?

Em princípio, sintagma é uma estrutura binária (núcleo e periférico) ou um conjunto de elementos que apresenta uma unidade de sentido dentro da proposição, mantendo entre si relações de dependência e de ordenação. Contudo, o seu elemento periférico pode faltar e o elemento nuclear constituir, por si só, o respectivo sintagma.

Assim, em (01), os elementos “Ele”, “Pedro”, “O cantor” e “Quem canta” são sintagmas e nominais, porque os respectivos núcleos são de natureza nominal: “Ele” (pronome substantivo), “Pedro” e “cantor” (substantivos) e “Quem canta” (oração substantiva); em (02), os sintagmas, que também são nominais, apresentam os núcleos: “palavrão” (substantivo), “tudo” (pronome substantivo) e “não sairia” (oração substantiva). Vê-se que, nesse último caso, o sintagma nominal que é o complemento direto do verbo “disse” tem como periférico a conjunção “que” (SN = que + SV). Já em (03), os sintagmas “está no jardim”, “pede esmola” e “adormeceu” são verbais (ou oracionais), uma vez que os respectivos núcleos são de natureza verbal: “está”, “pede” e “adormeceu” (verbos).

Portanto, designam-se os sintagmas pela natureza do seu núcleo:

- a) Sintagma nominal (SN) – estrutura binária, cujo núcleo é um nome (substantivo) ou pronome substantivo ou uma oração substantiva. Em sua formação, pode ou não haver periféricos: (Det) (Mod) N (Mod) ou Conj. Integr./Preposição SO Substantiva.

Ex.: “Um lindo céu azul sobreviveu...” (“um lindo céu azul”; “lindo céu azul”; “céu azul”)

Todos sabem que choverá! (“Todos”; “que choverá”)

Também irei para a sua festa! (“a sua festa”; “sua festa”)

- b) Sintagma adjetiva (SAdj) – estrutura (binária), cujo núcleo é um adjetivo. Pode vir acompanhado de periféricos: (Mod) Adj (Mod).

Ex.: “um lindo céu azul sobreviveu...” (“lindo”; “azul”)

Você muito inteligente, meu amigo! (“muito inteligente”)

- c) Sintagma adverbial (SAdv) – estrutura (binária), cujo núcleo é um advérbio. Também pode vir acompanhado de um periférico: (Mod) Adv (Mod).

Ex.: Você muito inteligente, meu amigo! (“muito”)

“... eu passo bem demais! (“bem demais”)

- d) Sintagma preposicional (SPrep) – estrutura binária, cujo núcleo é uma preposição ou locução prepositiva. Em sua formação, faz-se acompanhar necessariamente de um SN, que é o periférico: Prep SN.

Ex.: Chove demais em São Paulo! (“em São Paulo”)

Também irei para a sua festa! (“para a sua festa”)

- e) Sintagma verbal (SV) – estrutura binária, cujo núcleo é um verbo (/predicado). Em sua formação, pode ou não haver periférico: V (SN) (SPrep) (SAdv).

Ex.: Ontem João comprou um carro novo. (“Ontem...comprou um carro novo”)

Chove demais em São Paulo! (“Chove demais em São Paulo”)

Quanto à designação dos tipos de sintagma, assim como Koch e o próprio Chomsky, há estudiosos que não relacionam o SAdv, concebendo-o como um SPrep. Para os que adotam tal posição, a regra de reescritura do SPrep passa a ser:

$$\text{SPrep} \rightarrow \begin{array}{|l} \text{Prep} \text{ SN} \\ \text{Adv} \end{array}$$

sendo que a preposição pode não aparecer lexicalizada como “sábado” (= “no sábado”) em “Sábado encontro você!”.

Nas regras de reescritura, o SN sujeito, que existe como posição estrutural, pode não ser preenchido lexicalmente, como é o caso da denominada “oração sem sujeito” ou “impessoal” (que convenientemente pode ser denominada “unipessoal”), do tipo: “ Δ Chove!”.

No que se refere à formação dos sintagmas, o periférico do tipo Det (Determinante) são os artigos, numerais, possessivos e pronomes adjetivos, que podem aparecer combinados no referido grupo sintático. Logo, tem-se o Det simples (quando se constitui de apenas um elemento: “os/dois/meus/alguns irmãos”) ou complexo (quando constitui-se de mais de um elemento combinados: os meus/os dois/os meus dois/todos os meus irmãos). Neste último caso, tem-se o determinante propriamente dito ou de base (Det-base) e o pré-determinante (pré-Det) e o pós-determinante (pós-Det). Portanto, a regra de reescritura de Det passa a ser: Det \rightarrow (pré-Det) Det-base (pós-Det).

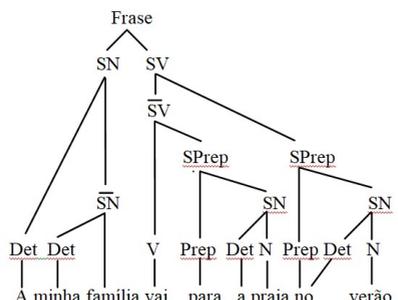
O periférico do tipo Mod (Modificador) pode ser um SAdj (sintagma adjetival) ou um SPrep (sintagma preposicional) ou um SAdv (sintagma adverbial), como em: “velhas roupas coloridas” ou “carro de corrida”, “Canto bem.”, “Falava muito alto!”.

Considerando as funções que podem exercer os diferentes tipos de sintagmas, constata-se que apenas o SV desempenha uma única função na proposição (/oração), a de predicado verbal; as funções que podem exercer os demais sintagmas são diversas, dependendo do nóculo a que se liga segundo uma regra de regência e ligação. Daí, poder o SN exercer as funções de sujeito como em (01), complemento verbal (OD) em (02) e outras (OI, complemento nominal, Predicativo, aposto, núcleo de adjuntos nominal e adverbial em diferentes exemplos da língua.

Logo, um mesmo tipo de sintagma pode ocupar diferentes posições até mesmo dentro de outro sintagma, exercendo funções sintáticas diversas. Chomsky (1965) denominou “recursividade” esse mecanismo das possíveis expansões dos constituintes dos diversos tipos de grupos sintáticos e das orações absolutas (período simples) em complexas (períodos compostos por subordinação).

Koch (*Ibidem*, 29) ressalta que tal abordagem torna mais simples a descrição gramatical quando se adota a nomenclatura referente aos sintagmas e se concebe o sujeito, por exemplo, um SN à esquerda do SV, e o complemento verbal, um SN à direita do núcleo do SV, em detrimento da nomenclatura e definições clássicas da GT, as quais nem sempre são convenientes ou suficientemente esclarecedoras.

Certamente, podem-se representar esses sintagmas e a sua ordenação e organização em frases num diagrama em forma arbórea, em que se poderia descrever graficamente o que vimos chamando de “estrutura sintagmática” (*phrase structure*, como o fizeram Chomsky e os demais gerativistas). Assim, o diagrama



constitui a descrição sintagmática (em forma de árvore) da frase (ou oração (O) ou proposição) “A minha família vai para a praia no verão.”.

5. *Sobre as vantagens e limitações da Teoria Sintagmática (TS)*

Para que possamos aceitar a ideia de que a análise sintática das estruturas linguísticas do português a partir da TS se mostra mais clara e, portanto, conveniente, convém primeiramente falar sobre a deficiência da análise tradicional. A GT se limita à análise puramente sintática das estruturas fonéticas – estruturas superficiais – e não fornece meios de se observar o ponto de ligação entre os componentes dos grupos sintáticos; nem ao menos costuma descrevê-lo à parte e, quando o faz, não o faz de forma satisfatória. Também não oferece meios para se elucidar sobre as eventuais implicações semânticas de uma possível ligação entre tais componentes. É por isso que se pode afirmar que a tradição linguística limitou-se ao estágio classificatório em se tratando dos estudos de análise sintática.

De fato, a GS, opondo-se à GT, simplifica a descrição das estruturas sintáticas do português, embora pareça complexa por ser feita a partir de esquemas arbóreos. Porém, são exatamente esses diagramas que facilitam a análise e a torna mais clara, porquanto mostra, de forma clarividente, o nódulo – o ponto de ligação de cada sintagma com o seu termo regente.

Não se pode negar que essa GS também tem as suas limitações em relação ao estudo da frase, devida à sua própria proposta, cujo objetivo é dar conta das relações sintagmáticas em nível frasal. Tanto que essa proposta, que é a segunda dos estudos gerativistas, é conhecida como a Teoria de regência e ligação (TRL), que constitui a base para a terceira proposta. Ampliada e tendo como acréscimo o componente transformacional, a GS faz surgir a Gramática Transformacional, como observa Nivette (*Op. cit.*):

O terceiro tipo de gramática que Chomsky apresenta em seu *Syntactic Structures* é uma forma enriquecida da gramática sintagmática. Se conserva a base da gramática sintagmática, mas se lhe acrescenta um componente transformacional, ao qual introduz uma nova série de regras sintagmáticas. (NIVETTE, 1973, p. 35)⁶

Logo, com a GS podemos dar conta das construções de frases simples de uma dada língua, já que elas contêm, de um certo modo, todas as frases possíveis dessa língua; são frases nucleares (*kernel sentence*, se-

⁶ “El tercer tipo de gramática que Chomsky presenta en sus *Syntactic Structures* es una forma enriquecida de la gramática sintagmática. Se conserva la base de la gramática sintagmática, pero se le añade un componente transformacional, el cual introduce una nueva serie de reglas sintagmáticas.”

gundo Chomsky), a partir das quais todas as outras frases da língua podem ser construídas mediante regras de transformação.

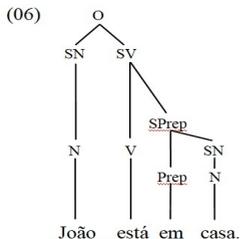
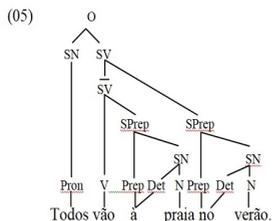
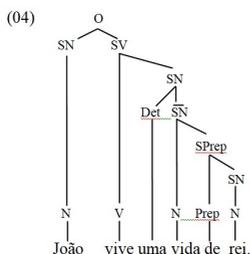
Com base, por exemplo, nos argumentos abaixo, referentes à transitividade (regência):

- a) Os verbos que, na GT, são classificados como intransitivos (viver, dormir, sair etc.), não raro, apresentam-se com um complemento (ou uma complementação) em forma de SN:

(04) João vive uma vida de rei.

(05) Todos vão à praia no verão.

(06) João está em casa.

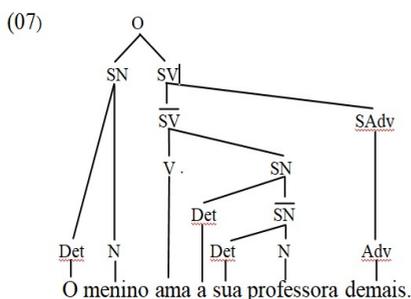


b) Os diferentes complementos verbais se distinguem tão somente pela presença de uma preposição, que normalmente é exigida pelo próprio verbo. Essa distinção, que é considerada secundária, só se faz relevante em caso de duplo complemento (verbo transitivo direto e indireto – bi-transitivo). Nesse caso, uma abordagem sintático-semântica a partir da qual o complemento sem preposição necessária constitui o alvo sobre o qual recai o processo verbal, e o preposicionado é o beneficiário de tal processo.

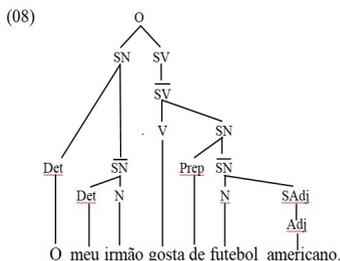
(07) O menino ama a sua professora demais.

(08) O meu irmão gosta de futebol americano.

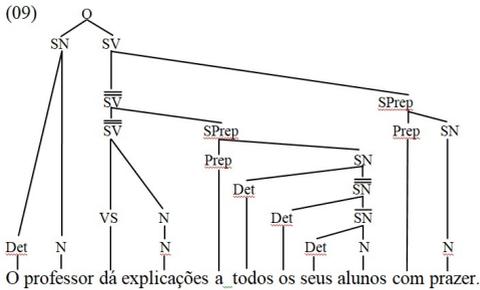
(09) O professor dá explicações a todos os seus alunos com prazer.



Obs.: Neste caso, o SN “a sua professora” – complemento sem preposição necessária – constitui o alvo da ação verbal.



Obs.: Neste caso, o SPrep “de futebol americano” – complemento com preposição necessária – constitui tão somente um complemento relativo ao verbo.



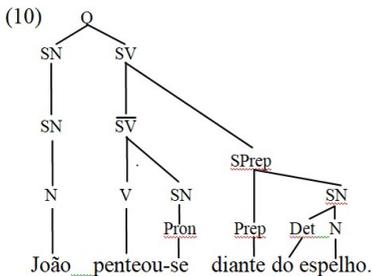
Obs.: Neste caso, o SN “explicações” – complemento sem preposição necessária – constitui o alvo da ação verbal; o SPrep “a todos os seus alunos” – complemento com preposição necessária – constitui o beneficiário da ação verbal; o SPrep “com prazer” – complementação com preposição necessária – constitui tão somente o modo do processo verbal.

c) A distinção entre verbos pronominais essenciais e acidentais se evidencia, já que o pronome “se” – partícula pronominal – faz parte do verbo no primeiro caso e é um sintagma no segundo.

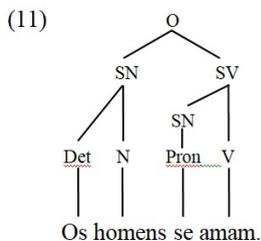
(10) João penteou-se diante do espelho.

(11) Os homens se amam.

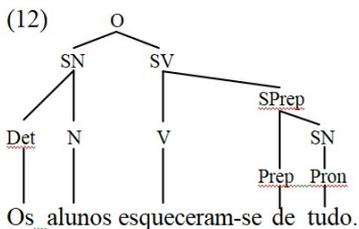
(12) Os alunos esqueceram-se de tudo.



Obs.: Neste caso, o SN “se” – pronome pessoal oblíquo – é um complemento verbal (verbo pronominal essencial).



Obs.: Neste caso, o SN “se” – pronome pessoal oblíquo – é um complemento verbal (verbo pronominal essencial).



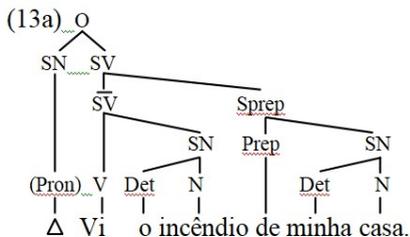
Obs.: Neste caso, o “se” é uma partícula pronominal e faz parte do verbo (verbo pronominal accidental).

d) Há estruturas complexas, cuja ambiguidade se desfaz na descrição a partir de uma estrutura profunda:

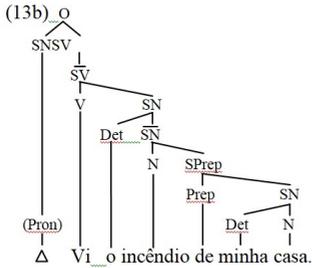
(13) Vi o incêndio de minha casa.

(14) Ouvei o canto dos pássaros na floresta.

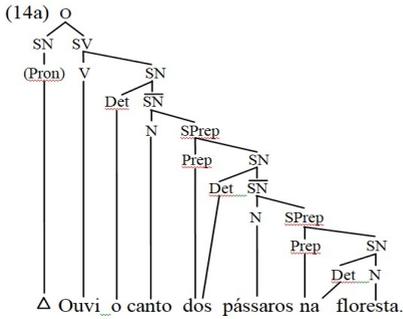
(15) O professor pediu-me para sair.



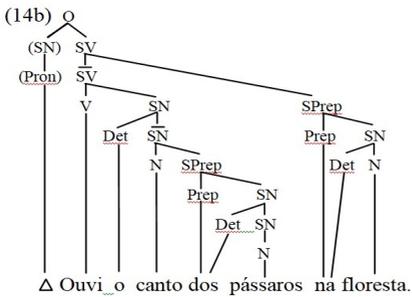
Obs.: Em (13a), o SPrep “de minha casa”, ligado ao SV “Vi o incêndio”, exerceria a função sintática de adjunto adverbial (lugar de onde se vê).



Obs.: Em (10b), o SPrep “de minha casa”, ligado ao núcleo nominal “incêndio”, exerceria a função sintática de adjunto adnominal.



Obs.: Em (14a), o SPrep “na floresta”, ligado ao núcleo nominal “pássaros”, exerceria a função sintática de adjunto adnominal (lugar onde os pássaros estão ou de onde são).



Obs.: Em (14b), o SPrep “na floresta”, ligado ao SV “Ouvi o canto dos pássaros”, exerceria a função sintática de adjunto adverbial (lugar onde se ouviu).

Há muitos outros casos de frases, em que uma eventual complexidade sintático-semântica (causando ou não uma ambiguidade) seria mais bem explicada numa descrição em forma de árvore sob a perspectiva da Teoria Sintagmática.

6. *Considerações finais*

Espero ter demonstrado que a análise sintática a partir da Teoria Sintagmática nos permite descrever, de forma conveniente, praticamente todas as estruturas linguísticas da língua portuguesa. Sob tal perspectiva, pode-se, inclusive, desfazer eventuais ambiguidades sintático-semânticas de frases que se apresentam complexas em sua forma fonética, porquanto a árvore proposta para a estrutura profunda de cada estrutura linguística, que lhe é única, se mostra esclarecedora.

Logo, a noção de sentido de cada sintagma da frase portuguesa, sugerida pela relação que se estabelece entre os termos constituintes, pode ser explicitada na medida em que os nódulos dessa ligação se esclarecem nos respectivos esquemas arbóreos.

Certamente, não se esgotam nesse trabalho os estudos de análise sintática, já que o seu objetivo se limitou a demonstrar a relevância da Teoria Sintagmática e a conveniência de sua aplicabilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORBA, Francisco da Silva. *Teoria sintática*. São Paulo: T.A. Queiros, Editor; EDUSP, 1979.

_____. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.

BOTELHO, José Mario. Breve Introdução à Teoria de Regência e Ligação. In: *Amarantes e Depois* – Revista da Especialização de Língua Portuguesa da FFP-UERJ. São Gonçalo: FFP-Uerj, 2005. p. 68-87

BRITO, P. Concepções de linguagem e ensino de língua. In: BRITTO, P. *Fugindo da Norma*. São Paulo: Átomo, 1992.

CHOMSKY, N. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.

_____. *Rules and representations*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1980.

_____. Estruturas Sintáticas. Trad. de Madalena Cruz Ferreira, título original: “*Syntactic Structures*”. Lisboa: Edições 70, 1980.

_____. *Aspectos da Teoria da Sintaxe*. Trad. de José António Meireles e Eduardo Paiva Raposo. Coimbra: Arménio Amado Editor, 1975, título original: “Aspects of the theory of syntax”, 1979.

_____. *Aspects of theory of syntax*. Cambridge, Mass.: The M.I.T. Press, 1965.

_____. *Problemas actuales em teoria linguística: Temas teóricos de gramática generativa*. Trad. de Gladys Anfora de Ford. 3. ed., Madrid: Siglo, [1980?], títulos originais: “Current Issues in Linguistic Theory y Topics in the Theory of Generative Grammar”, 1964.

_____. *Estruturas sintáticas*. Trad. de Alceu Saldanha Coutinho, título original: “*Syntactic structures*”. Lisboa: Edições 70, 1957.

DUBOIS-CHARLIER, Françoise. *Comment s’initier à la linguistique?*. Paris: Larousse, 1975. “Bases da análise linguística”. Trad. e Adap. de João Andrade Peres. Coimbra: Almedina, 1976.

KATZ, Jerrold Jacob; POSTAL, Paul Martin. *An integrated theory of linguistic descriptions*. Cambridge, Massachusetts: The M.I.T. Press, 1964.

KOCH, Ingedore Villaça; SOUZA E SILVA, Maria Cecília P. de. *Linguística aplicada ao português: sintaxe*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth Elisabeth Vasconcellos. *Manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2000.

NIVETTE, Jos. *Princípios de Gramática Generativa*. Trad. de Manuel Jurado Baena, título original: “Principes de Grammaire Générative”. Madrid: Fragua, 1973.

POTTIER, Bernard. *Estruturas linguísticas do português*. Trad. de Albert Audubert e Cidmar Teodoro Pais, título original: “Grammaire de l’Espagnol”, 1969. 2. ed., revista. Itu-SP: Difusão Europeia do Livro, 1973.

RUWET, Nicolas. *Introduction à la Grammaire Géénérative*. Trad. “Introdução à Gramática Gerativa”. São Paulo: USP; Perspectiva, 1975.

_____ ; CHOMSKY, Noam. *A gramática Generativa*. Trad. de Isabel Pascoal, título original: “La Grammaire Générative”. Lisboa: Larousse ; Edições 70, 1966.